

Samambaia salva a construção

Mas a crise no setor aumenta o número de demissões em Brasília

O setor de construção civil no Distrito Federal vem passando por uma situação crítica desde o ano passado. A falta das obras públicas e de financiamento para o setor privado construir novos blocos residenciais tem reduzido a oferta de emprego. Com isso, quem sofre é o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil, que teve sua receita sindical reduzida em cerca de 70 por cento. Para sobreviver a entidade vai ter de cortar uma série de benefícios concedida a seus associados.

Essa foi a informação prestada pelo presidente da entidade, José Sérgio Dias, ao informar que será realizada uma assembleia geral no dia 27 de julho para decidir quais os benefícios que poderão ser cortados. Mas, apesar do pessimismo, Sérgio Dias, espera que nos próximos meses ocorra uma sensível melhora no nível de emprego do setor, porque a Sociedade de Habitação e Interesse Social (SHIS) deverá abrir concorrência para a

construção de 6 mil casas na nova cidade-satélite do DF, Samambaia, e de seis blocos de apartamentos no Guarã.

Mas Sérgio Dias fala só da situação do setor da construção civil, não levando em consideração a situação das pessoas que vivem indiretamente do setor, como os trabalhadores no comércio de material de construção. O índice de desemprego no comércio é crescente, pois o seu desempenho vem caindo a cada mês, apesar do mês no abril ter ocorrido uma pequena elevação de vendas com relação a março, mas que não ultrapassou a 1,1 por cento.

Essa pequena melhora no comportamento das vendas do comércio varejista de material de construção não é animadora. Nos quatro primeiros meses deste ano houve uma queda real de 14 por cento, ou seja o desempenho foi menor do que a inflação do período de 47,7 por cento. O acumulado em 12 meses foi de 16,8 por cento, o que sig-

nifica que a situação pode piorar, pois há uma nítida tendência de perda do poder aquisitivo do consumidor brasileiro.

Sérgio Dias lembra que o sindicato está vivendo das economias conseguidas entre 1978 e 1982, quando houve o maior pique de arrecadação. Em dezembro de 1982 o número de empregados na construção civil, de acordo com dados estatísticos da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), foi de 18.333. Em dezembro passado o total era de 25.504 trabalhadores. Mas o maior número de empregos ocorreu em novembro quando foi registrado um total de 27.543 pessoas.

Atualmente, calcula Sérgio Dias, o setor absorve apenas 20 mil trabalhadores, o que significa que devem existir mais de 8 mil trabalhadores desempregados, sem contar no grande número de operários que foi embora. A cada dia aumenta as demissões, observou Sérgio, e somente ontem foram demitidas 14

pessoas, pela Ciplan-Cimento do Planalto. Sérgio prevê que a Cimento Tocantins também vai começar a dispensar, porque não tem condições de sustentar sua folha de pagamento.

O desemprego também não é maior, porque muitas pessoas estão trabalhando em outras funções ou estão subempregadas. No período de maior pique o setor chegou a empregar cerca de 55 mil pessoas, lembra Sérgio, acrescentando que Brasília tem uma população de 1,5 milhão de habitantes. Esse número é suficiente para manter cerca de 100 mil pessoas em atividade no setor.

Sérgio Dias tem a sua receita para acabar com o desemprego na construção civil em Brasília e no País. Para ele, como já teve oportunidade de falar várias vezes, é preciso que o sistema de reajuste da casa própria seja igual ao aumento dos salários. Assim poderia ser elevada a venda de imóveis, o que reativaria a construção civil.